

Que as considerações feitas não dão uma impressão falsa do livro: apesar da objetividade com que foi elaborado, *70 Anos de Cinema Brasileiro* é de leitura agradável e nos permite incursionar no mundo maravilhoso do cinema, que sempre nos encanta e atrai — mesmo quando é matéria para um estudo sério como este. — NEUSA PINSARD CACCESE.

Livros novos

1 — PERRONE-MOISÉS, Leyla — *O novo romance francês*. São Paulo, Coleção Buriti, 1966, 162 pp.

É com prazer que vemos em livro as idéias sempre claras e objetivas de L.P.M. — Sobre o "nouveau roman". Fenômeno polêmico e problemático no campo literário, o novo romance francês exerce hoje sedução e influência marcantes, modificando o panorama da própria criação literária, na técnica do romance.

Após uma introdução, onde explica sua origem e situação, L. P. M. analisa os intérpretes mais importantes do novo romance, como Michel Butor, Alain Robbe-Grillet, Nathalie Sarraute, Claude Simon, Samuel Becket, Claude Mauriac, Jean Cayrol, Marguerite Duras, Robert Pinget e "outros romancistas de vanguarda".

Movendo-se com domínio da matéria e segurança de julgamentos, L. P. M. faz deste livro excelente introdução ao estudo do romance francês contemporâneo e um exemplo de crítica objetiva e clara, atingindo os aspectos fundamentais da obra, vista e analisada com acuidade rara entre nós.

Por essas razões, é com agrado que acompanhamos suas incursões nesse terreno difícil emovediço e recomendamos sua leitura sempre proveitosa. — J. C. G.

LEITE, DANTE MOREIRA — *Psicologia Diferencial*. São Paulo, Coleção Buriti, 1966, 100 pp.

Trabalhando no difícil campo onde se busca identificar e caracterizar as diferenças entre indivíduos, sexo e grupo humanos, provenientes de uma ordem de atributos físicos, mentais, e de um conjunto de elementos culturais motivadores dessas diferenciações, D. M. L. consegue com propriedade e clareza, ao amparo de excelente formação científica, apontar hipóteses de trabalho e aventar soluções possíveis.

No emaranhado das solicitações e exigências humanas, em proporção sempre crescente, torna-se vital para o homem a tentativa de conhecer o conjunto de elementos que atuam no ser humano e o conduzem à sua individualidade e à individualidade de seu grupo, fator indispensável para a harmonização das relações humanas. Fugindo ao empirismo e movendo-se em coordenadas científicas, D. M. L. dá um inestimável contributo ao estudo do homem brasileiro, ao abrir novas perspectivas ao seu estudo e conhecimento, razão por que sua obra não interessa apenas à Psicologia, mas a todos os estudiosos que pretendem conhecer-nos cada vez melhor, ou simplesmente conhecer-nos. — J. C. G.

SANTOS Filho, LYCURCO — *Pequena História da Medicina Brasileira*. São Paulo, Coleção Buriti, 1960, 160 pp.

Agradável pela leitura, importante pela segurança e propriedade científica no tratamento da matéria L. S. F. nos leva através de quatro séculos e meio da História da medicina brasileira, cobrindo mais este aspecto de nossa cultura.

Acompanhado-o, pois, veremos a medicina indígena, onde o pajé representa papel fundamental, curador, sacerdote e adivinho; a jesuítica e sua contribuição inicial ao defrontar-se com doenças e epidemias, num meio sem qualquer recurso, quando recorre a remédios tradicionais uns e inventados outros; conhecerá os "físicos", os cirurgiões barbeiros e curadores, a patologia e terapêutica antigas, passará pela cirurgia e obstetrícia, terá oportunidade de conhecer os inícios de nossa tradição de ensino médico-cirúrgico a partir dos núcleos da Bahia e Rio de Janeiro, onde pontificaram algumas figuras de alto valor, inclusive no campo da pesquisa. Por fim, verá a medicina brasileira no campo experimental e os progressos alcançados por ela dentro duma perspectiva histórica só possível a quem conhece no íntimo o problema, como é o caso de L. S. F. — J. C. G.

SIMÃO, Azis — *Sindicato e Estado*. São Paulo, Dominus Editora, Editora da U. S. P., 1966, 245 pp.

No presente trabalho, A. S. estuda as relações entre sindicato e Estado, vendo-as desde suas primeiras manifestações em fins do século XIX, até a década de 1930, ponto de seu amadurecimento. Colocando-se numa perspectiva sincrônica, A. S. pode observar com propriedade a dinâmica das transformações operadas ao longo do período estudado, através de quatro grandes capítulos que se ligam e completam entre si: a indústria e o operariado; o operariado e as condições de trabalho; os conflitos coletivos de trabalho; a organização sindical.

Graças a esse processo vivo de colocação dos problemas, podemos acompanhar o desenvolvimento industrial de São Paulo desde o ponto das relações entre senhor e escravo, passando pelo aparecimento e formação dos "grupamentos funcionais", pela sua constituição em proletariado, pela mudança das velhas estruturas, pelas primeiras reivindicações operárias, até a eclosão das primeiras greves. Assim sendo, A. S. examina o espírito do sindicalismo em sua gestação e a elevação do operário como elemento integrante de nossa estrutura social.

Esses capítulos constituem a base inicial para a explicação do último — a organização dos sindicatos e o aparecimento orgânico dum conjunto de reivindicações operárias com as transformações e deformações do espírito sindical.

Para encerrar a notícia, é preciso dizer que A. S. apresenta um trabalho lúcido e da mais séria pesquisa. É pois contribuição fundamental e indispensável para compreensão do sindicalismo e da própria história social brasileira. — J. C. G.

MAGALDI, Sábato — *Iniciação ao Teatro*. São Paulo, Coleção Buriti, 1965, 154 pp.

Obra importante pelas posições e atitudes assumidas pelo A. em face dos problemas básicos do teatro, enquanto realidade viva. Refugindo ao esquematismo comum em obras dessa natureza, voltadas quase sómente para os elementos teóricos e de ordem geral, S. M. assume posição realista ao enfrentar problemas artísticos, econômicos e sociais do teatro brasileiro. Esta vinculação com a realidade, decorrente da convivência com o fenômeno teatral, permite-lhe a apresentação de um quadro bem objetivo no enfoque de seus problemas mais cruciais. Assim, S. M. analisa sucessivamente a peça, o espetáculo, a sociologia do teatro, para encarar finalmente as questões ligadas ao atual momento brasileiro: nacionalismo, teatro comercial, teatro social, teatro popular. Por fim, S. M. coloca a questão vital do teatro: seu destino em face de outras formas de arte como o cinema e a televisão, que atraem o público deixando o teatro numa delicada situação de sobrevivência.

Embora a obra pretenda ser apenas de vulgarização, podemos afirmar que escapa desse quadro e se firma como fundamental a todos que se interessam pela

arte teatral, razão por que importa e interessa a todos nós indistintamente. — J. C. G.

DANTAS, Paulo — *Antologia Euclidiana*. São Paulo, Pioneira, 1967, XXIV + 250 pp.

Com o louvável intuito de difundir entre os jovens a obra de Euclides da Cunha, P. D. tomou-se de entusiasmo pela lição de grandeza e nacionalismo de Euclides, pelo seu suporte artístico e humano e busca, através de roteiro por ele organizado, fazer-nos sentir as mesmas palpitações por ele sentidas. É assim que busca um "roteiro" significativo e representativo de sua "pesada obra".

A empréssia é meritória, pois é indiscutível a importância de Euclides da Cunha na cultura brasileira, ao operar o violento impacto de sua denúncia com a força de oráculo. Por essa razão, tóda tentativa de divulgá-lo ou quebrar os clichês de autor árido e difícil deve receber nosso apoio e contar com nosso entusiasmo. Contando com a colaboração de Dermal Camargo, Naiel Sáfady e Oswaldo Galotti, responsáveis pelas notas de esclarecimento do texto, Paulo Dantas dá importante passo para a divulgação ou popularização de Euclides da Cunha, buscando pôr sua obra ao alcance do maior número possível de pessoas.

Os textos selecionados cobrem criteriosamente a trajetória euclidiana e são mostra inequivoca do valor de sua obra, decantada por Paulo Dantas, conhecedor desse intrincado mas admirável universo. — J. C. G.

ELLISON, Fred P. — *The Writer in Latin America*. The University of Texas, Institute of Latin American Studies, Offprint Series, s. d., Nº 11. Reprinted from *Continuity and Change in Latin America*, edited by John J. Johnson, Stanford University Press, 1964, pp. 79-100; 257-260.

Depois de delimitar o campo de seu trabalho sobre *The Writer in Latin America*, Fred P. Ellison detém-se na análise das relações entre educação e classe social, concluindo pela afirmativa de que em geral, na América Latina, a literatura não é mais privilégio de uma aristocracia, mas que progressivamente membros das classes médias e trabalhadora recebem educação superior e ligam-se à classe literária. Embora este fato leve a uma tendência ao profissionalismo, a literatura continua não obstante equiparada à diplomacia, à política e ao jornalismo, não sendo a profissão de escritor uma atividade rendosa. Esta espécie de "desajustamento" profissional é compensada pela missão social do escritor, que o leva a desejar uma transformação da sociedade e a popularização de novas formas de cultura. Isto implica numa liderança e num poder político conseguidos através do cargo público e da atividade de partido, além da pressão considerável que pode ser exercida através de seus escritos. Uma grande maioria de literatos, no Brasil e na América Latina, pertence a partidos esquerdistas, e, embora naja muitos escritores cujo trabalho não esteja ligado à política, a demanda da reforma social é característica fundamental da literatura latino-americana. O valor estético deste tipo de literatura pode ter crescido, contudo sua utilidade como propaganda tem declinado. Depois de analisar os fenômenos do *fidelismo*, anti-lanquismo, americanismo e da alienação do escritor, o A. conclui dizendo que se ideologicamente muitos literatos latino-americanos têm antipatia manifesta pelas atitudes e valores básicos da civilização e cultura dos Estados Unidos, isto pode ser devido ao fato de não terem os norte-americanos aprendido a estabelecer um diálogo de benefícios mútuos com os intelectuais latino-americanos, em especial com os escritores. — A. F.

ROCHE, Jean — *O Ensino do Português como Língua Estrangeira*. Lisboa, s. ed., 1967 (Separata da Revista OCIDENTE, Vol. LXXII pp. 65-79).

O Prof. Dr. Jean Roche, Diretor do Instituto de Estudos Luso-brasileiros da Faculdade de Letras de Toulouse, estudioso de assuntos brasileiros e presentemente preocupado com o ensino do português para estrangeiros, vem realizando, nesse sentido, trabalho merecedor de todo louvor. E com base em suas experiências que escreveu a comunicação sobre *O Ensino do Português como Língua Estrangeira*, levantando alguns problemas importantes referentes ao assunto. Inicialmente, responde a algumas perguntas de caráter informativo sobre onde se ensina o português, quem o faz, quem o aprende, inserindo as questões no quadro mais amplo da organização do ensino de Letras nas Faculdades francesas. Mas como tal esquema estava em vias de ser alterado, em virtude das reformas a serem implantadas a partir de outubro de 1966 e 1967, J. R. (em setembro de 1966) preocupa-se em avaliar de que forma tais modificações alterariam a situação vigente: segundo prevê, o ensino do português — que já não era feito em condições ideais, comparado com outras línguas estrangeiras, sobretudo o espanhol — sofreria um abalo sério, somente recuperável se fosse introduzido no curso secundário, abrindo então perspectivas práticas para os universitários franceses.

Finalmente, sempre com base no trabalho de sua equipe, o A. coloca as soluções que encontrou para o ensino do português como língua estrangeira, salientando, sobretudo, os aspectos de língua literária, língua falada, sobre o qual insiste particularmente, e a diferenciação entre o português de Portugal e do Brasil. — N. P. C.

MASSA, Jean-Michel — *Machado de Assis Traducteur*. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1966 (Separata do Vol. IV das ACTAS do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiro), 11 pp.

Em *Machado de Assis Traducteur*, Jean-Michel Massa, baseado em longas pesquisas, estuda a evolução das traduções do romancista, confrontando textos e traduções. A interpretação dos dados assim obtidos — apresentada de maneira sucinta, porque um trabalho mais amplo deverá seguir-se a este — é feita no sentido de melhor explicar a obra de ficção de Machado de Assis. O ponto de partida é a cronologia das traduções, pois ela nos faz sentir a evolução do pensamento e dos processos técnicos e expressivos do artista.

A primeira fase — de 1855 a 1861/2 — situada em plena adolescência, revela preferência por textos que tocam a sensibilidade ainda romântica do tradutor. O que conta é a afinidade entre as traduções e sua própria produção literária. A segunda fase — de 1861/2 a 1870 — caracteriza-se pela busca da perfeição formal, ao mesmo tempo que espelha a evolução da obra de M. A. no sentido de uma preocupação maior com a mensagem que transmite ao leitor. Na terceira fase — de 1870 a 1894 — as traduções rareiam, tornam-se cada vez mais de circunstância (e inclusive menos literais), ganhando, contudo, em amadurecimento e perfeição formal que revelam o estudioso de problemas estéticos. Nesta última fase, "le traducteur devient écrivain. Traduire c'est aussi créer." (p. 10).

Concluindo, J.-M. M., baseado nesse estudo comparativo, faz um balanço dos conhecimentos que M. A. tinha das línguas estrangeiras. Lança, assim, uma hipótese que traria novas possibilidades de pesquisa da obra do romancista: M. A. conheceria apenas rudimentos de inglês; sua ampla cultura no domínio anglo-saxão teria sido, portanto, obtida por via indireta, provavelmente através do francês, e apenas em obras vertidas do inglês para esta língua. Se a hipótese for confirmada, aos comparatistas se abre um novo campo de trabalho, conforme nos sugere o A. — N. P. C.

MASSA, Jean-Michel — *La Célébration du Premier Centenaire de Bocage au Brésil.* Venda Nova, Institut Français au Portugal, 1966 (Separata do BULLETIN DES ETUDES PORTUGAIS, 27, pp. 179-188).

Partindo de pesquisas em jornais brasileiros de fins do século passado, Jean-Michel Massa apresenta algumas observações sobre *La Célébration du Premier Centenaire de Bocage au Brésil*, incentivada por José Feliciano de Castilho junto a brasileiros e portuguêses. Este episódio, porém, da vida literária do Rio de Janeiro é apenas pretexto para o A. colocar alguns problemas relativos ao escritor português e seu papel como entusiasta de nossas letras e, mais que tudo, para analisar o relacionamento entre os dois povos, principalmente do ponto de vista cultural. Brasil e Portugal traçaram trajetórias literárias muitos próximas, em que a influência francesa se fez sentir de maneira muito semelhante. E Bocage é um elemento que lembra a afinidade existente entre as duas comunidades, no século XIX. Eis um assunto a ser pesquisado por aqueles que se interessam por problemas luso-brasileiros. — N. P. C.

